

Rubem Braga

496
DN 10.1.57
Radio ME 25.11.61
RN 363

ÁGUA DO MAR FRANZIDA ETC.

o bairro de Ipanema

ÁGUA do mar franzida; vento noroeste. De-já-hoje, às duas da madrugada, uma cigarra cantou, de tão quente. Fora de hora e de estação, canta uma cigarra; deve ser sinal de algo estranho, talvez um amor súbito em mim, e veemente, ou revolução do povo, com enforcamentos e longas fomes.

Não sei. Cigarras não cantam em outubro, nem pela madrugada, e uma cigarra cantou. Em todo o Estado da Guanabara fui, talvez, a única pessoa a ouvi-la. Talvez não me acreditem, e me apontem na rua, e riam de mim, e digam: "Aquêlé, outro dia, ouviu cigarra cantar de madrugada, coitado!"

Pois tenho visto e ouvido coisas ainda mais raras, algumas acontecidas com mulheres — e não conto. O que me restaura um pouco de tudo é o banho de mar. Por que não ir à praia às seis, às sete? Sim, a parte social é fraca, tal como adverte Fernandes. As môças bonitas estão dormindo unânimes, embora talvez se movam levemente aborrecidas em seus leitos, devido ao calor. As senhoras estão repousando. Depois do almôço, quando eu telefono para certa senhora, a empregada costuma me dizer que ela está descansando. Ah, talvez esteja cansada de ser bela — penso eu.

O vento pára; volta em lufadas quentes; mas a água do mar, eu sei, está fria. Ontem, na base desse noroeste, tentei organizar uma tempestade. Consegui a pressão suficiente, remoinhos de areia e fôlhas sêcas na Visconde de Pirajá, alguns insetos desorientados, todos os sinais. Lembrei-me daquela história de hospício, um louco dizendo a outro, ao ver passar um casal de bassês: "Vai chover: os cachorros hoje estão voando muito baixo."

Pelas quinze horas consegui algumas trovoadas nas cercanias do Corcovado, mas tive de suspender a execução de meu projeto, pois não conseguira acumular um volume suficiente de material-nuvens ao redor da Gávea e Dois Irmãos. Assim, desarmeí todo o dispositivo, e senti que soprava um vento de leste, que refrescou ligeiramente, mas antes da tarde morreu. De qualquer modo não desejo deflagrar um temporal no Estado da Guanabara; não amo ações locais; peço a cooperação do Sul, mas as autoridades argentinas me informam que não dispõem no momento de qualquer massa fria deslocável; paciência, suaremos em comum, os dois povos irmãos, e os uruguaíes sem dúvida nos acompanharão; que remédio!

Antigamente, antes de construírem o Edifício Aldinha, meus horizontes eram mais amplos; mais de uma vez, postado em silêncio na minha varanda, providenciei massas de temporal em pleno mar, ao largo das ilhas Tijucas, e de relógio em punho acompanhei seu avanço em direção a Ipanema, expondo o peito nu ao ronco dos trovões e ao fuzilar dos relâmpagos. A construção civil cassou meus podêres, e é apenas sôbre uma casinha entre dois edifícios, que posso "enfiar", como dizem os homens da Artilharia, meu último trecho de praia; ainda assim já me aconteceu ver ali o Cruzeiro do Sul nascer das águas.

Já é alguma coisa, para um pobre. Pobre, porém bom brasileiro, ainda que sujeito às vêzes a ouvir cigarra cantando em madrugada de outubro quando há névoa sêca no ar, sopra o noroeste e êle pensa na mulher chamada Elisa — e perde para sempre o sono.

M 496 - 21.10.61